

° FANTASMA
MILIONÁRIO

MARCELO DUARTE

° FANTASMA MILIONÁRIO

Ilustração
HIRO KAWAHARA



Texto © Marcelo Duarte
Ilustração © Hiro Kawahara

Direção editorial

Marcelo Duarte

Patth Pachas

Gerente editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

Henrique Torres

Lais Cerullo

Assistente de arte

Elis Nunes

Capa

Hiro Kawahara

Diagramação

Samantha Culceag

Preparação

Beatriz de Freitas Moreira

Revisão

Ronald Polito

Clarisse Lyra

Impressão

Corprint

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D873f

Duarte, Marcelo

O fantasma milionário/ Marcelo Duarte; ilustração Hiro Kawahara.

– 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2026. il.

ISBN 978-65-5697-469-9

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Kawahara, Hiro. II. Título.

26-103474.0

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439



2026

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Instagram e TikTok.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PANDA BOOKS

Monstros são reais e fantasmas são reais também.

Vivem dentro de nós e, às vezes, vencem.

Stephen King, em *O iluminado*



PANDA BOOKS

SUMÁRIO

De olho nas baratas	9
O misterioso milionário	19
Um corpo na biblioteca.....	25
Ou o cachorro ou você	32
Todos acabaremos aqui.....	37
Toma lá, dá cá	42
A gangue do cemitério viralizou.....	47
Medo só dos vivos	53
Celulares na cova.....	58
O caça-fantasmas	64
Marcas pelo corpo.....	71
“Tenho uma boa notícia para você”	76
Devendo para toda a vizinhança	81
Viu pessoas estranhas?	85
Tragédia na porta da escola	88
Uma ligação do delegado	93
Fiquem parados onde estão!.....	98
Um encontro fantasmagórico	103
Epílogo: Outra forma de existir.....	113
Agradecimentos	119

PANDA BOOKS

DE OLHO NAS BARATAS

A barata desfila pelo túmulo de mármore de cor fúcsia. Seis patas finas e articuladas movem-se com uma precisão mecânica, quase robótica. Seu movimento é irregular, ora decidido, ora hesitante. Seu corpo, em forma de cápsula e coberto por uma película oleosa, contrasta com a frieza da pedra, lisa e imponente. Cada túmulo é um monumento à memória de alguém que já se foi, mas a barata segue seu caminho sem se importar com isso. Há batalhões delas em todos os cantos.

Um grupo de aproximadamente cem pessoas se aproxima. A barata continua caminhando com uma confiança que beira a arrogância, com uma falsa pressa, como se soubesse que sua existência é, ao mesmo tempo, indesejada e inevitável. Quem percebe sua presença sente um calafrio. As antenas, longas e inquietas, causam nojo, asco, repulsa. Elas só dão as caras à noite. Acostumado com as moradoras, o guia Thaíde Souza ainda se diverte com o medo da maioria dos visitantes. Mas ele faz de conta que as ignora e se concentra nos fatos históricos e curiosos

que precisa narrar na visita guiada noturna ao cemitério daquela sexta-feira:

– Tarsila do Amaral, a mais conhecida pintora brasileira e um dos pilares do Modernismo, está enterrada neste mausoléu desde 1973. Aposto que vocês não esperavam algo tão simples, não é?

Os visitantes concordaram, apontando as lanternas de seus celulares para conseguir enxergar. Outros se contorciam para fotografar o túmulo todo marrom, com uma discreta cruz em cima.

– Quando morreu, Tarsila foi enterrada aqui no jazigo que já pertencia à sua família, ao lado de seus entes queridos – explicou Thaíde, megafone na boca o tempo todo.

Para dar um ar mais tenebroso ao passeio, o homem de cabelos escassos e barba rala com fios grisalhos, perto dos quarenta anos, vestia-se sempre de preto, da cabeça aos pés. Calças de moletom, camiseta, óculos, boné com a aba virada para trás e botas. As meias tinham desenhos de caveirinhas, mas elas ficavam escondidas pelas calças e pelas botas. Recomendava sempre que os visitantes usassem sapatos fechados por causa das baratas. Bom narrador, sabia chamar a atenção de seu público como ninguém:

– O que se conta é que um fantasma, que tem a mesma forma do seu famoso *Abaporu*, aparece todas

as noites de lua cheia para lhe prestar reverência.

Um óóóó de espanto foi pronunciado por todos do grupo. O número de visitantes interessados em necroturismo, o nome que se dá às visitas turísticas a cemitérios, era cada vez maior. O Cemitério da Consolação era o mais procurado de São Paulo.

– A seguir, bem ali na próxima rua, vocês verão o túmulo de Olívia Guedes Penteado, a mecenas que ajudou a angariar recursos para a realização da Semana de Arte Moderna. Por aqui, por favor!

Ao tomar a frente do grupo para mostrar a direção, Thaíde percebeu um par de olhinhos à espreita detrás de uma lápide. Quando notaram que tinham sido vistos, os olhinhos se esconderam. O guia prosseguiu com a narração dos fatos históricos e curiosos e finalizou:

– Desse modo, os cemitérios são grandes contadores de histórias. – Thaíde fazia questão de reforçar esse ponto quando a visita já estava se encaminhando para o final.

Observando a reação do compenetrado grupo, notou que os olhinhos que tinha visto detrás da lápide eram de uma menina de nove ou dez anos. Ela prestava atenção a tudo o que Thaíde dizia, parecia gostar das histórias que ele contava. Às vezes, entendia as piadas e sorria também.

Caminhando pelas ruas do cemitério, a menina seguia os adultos a uma distância segura, sem soltar um pio. Tinha cabelos cacheados, olhos de duas cores, um verde e outro azul (esse fenômeno recebe um nome engraçado: heterocromia), bochechas rosadas e nariz arrebitado. Usava camiseta larga com um pandinha estampado, *short* curto e sandálias bem gastas nos pés.

Ao final da visita, depois que se despediu de todos, um a um, o guia ficou curioso por saber o que uma criança fazia no cemitério. Percorreu algumas ruas e, depois de uns minutos de procura, encontrou a menina. Junto dela, feito um guardião, estava um menino um pouco mais velho. Eles contavam algumas notas de dinheiro.

– Olá, tudo bem? – Thaíde fez o primeiro contato.

Os dois não se assustaram com a presença dele. Ao se aproximar, ouviu a menina cochichando: “Ele é o homem que conta a história dos mortos do cemitério”.

– Meu nome é Thaíde – apresentou-se. – Como vocês se chamam?

– Queria ter o nome daquela pintora... a Tarsila – derreteu-se ela. – Que nome lindo.

– Mas você não se chama Tarsila – retrucou o menino magro e desengonçado. – É Zenaide, Ze-nai-de, Ze-nai-de!